ISSN: 2358-8829

DA BAIXA PROFICIÊNCIA A 100% DE FLUÊNCIA LEITORA: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PAULISTANA, PIAUÍ

Maria Nazaré de Sousa Xavier [1]
Josivan Francisco Ramos [2]
Naíra Nascimento Carvalho Batista [3]
Herleny de Sousa Carvalho [4]
Nivania do Nascimento Rodrigues [5]

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência pedagógica desenvolvido entre os meses de maio e novembro de 2025 em uma turma do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Raimunda Teonila de Macedo, no povoado Serra Vermelha, em Paulistana, Piauí, comunidade rural marcada por vulnerabilidade socioeconômica. Em 2024, a escola registrou o menor Índice de Fluência Leitora (IFL) do município, o que motivou uma intervenção voltada ao fortalecimento da alfabetização. O objetivo foi promover o desenvolvimento da fluência leitora dos estudantes por meio de estratégias pedagógicas sistematizadas e monitoradas. Participaram 20 estudantes, com idade média de 7 e 8 anos. O diagnóstico inicial, realizado pela avaliação de entrada da Plataforma Criança Alfabetizada, mostrou que 40% dos estudantes estavam nos níveis de pré-leitor e apenas 15% liam com fluência. A partir dele, a turma foi organizada por níveis de aprendizagem e foram adotadas rotina diária de leitura compartilhada e individual, leitura guiada, leitura cronometrada, reforço individualizado no contraturno, monitoramento quinzenal por meio de planilhas e envolvimento das famílias através de encontros periódicos e acompanhamento das atividades para casa. Utilizaram-se fichas de leitura por nível, parlendas, trava-línguas e pequenos textos narrativos. Na avaliação de saída de 2025, todos os estudantes alcançaram o nível de leitor fluente, e o IFL da escola passou de 5,9, na avaliação de saída de 2024, para 10,0. Na avaliação formativa do SAEPI que mede a proficiência média de Língua Portuguesa e Matemática, 85% dos estudantes foram classificados avançados em Língua Portuguesa na avaliação de saída 2025. A experiência indica que intervenções pedagógicas estruturadas, com diagnóstico, acompanhamento contínuo e parceria com as famílias, podem contribuir de forma expressiva para a melhoria dos indicadores de alfabetização em contextos de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Fluência leitora, Alfabetização, Intervenção pedagógica, Ensino fundamental, Prática docente.

INTRODUÇÃO

A alfabetização ocupa lugar central na trajetória escolar, pois dela depende o acesso aos demais conhecimentos. A Base Nacional Comum Curricular estabelece que a ação pedagógica nos dois primeiros anos do ensino fundamental deve ter como foco a alfabetização

[1] Mestranda em Ciências da Educação (INTESC/ISC/Faculdade Conexão), nazaxavier@gmail.com;
[2] Mestrando em Ciências da Educação (INTESC/ISC/Faculdade Conexão), josivanfrancisco23@gmail.com;
[3] Mestranda em Ciências da Educação (INTESC/ISC/Faculdade Conexão), naira-cn@hotmail.com;
[4] Mestranda em Ciências da Educação (INTESC/ISC/Faculdade Conexão), herlenysousa15@hotmail.com;
[5] Mestranda em Ciências da Educação (INTESC/ISC/Faculdade Conexão), nivanianascimento75@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

(BRASIL, 2018), e o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada reforçou essa meta ao propor que todas as crianças estejam alfabetizadas ao final do 2º ano (BRASIL, 2023).

Aprender a ler envolve a apropriação do sistema de escrita alfabética, que precisa ser ensinado de forma sistemática, com atividades que levem a criança a refletir sobre as relações entre sons e letras (MORAIS, 2012). Soares (2016) compreende a alfabetização como um processo com várias facetas e defende que o ensino seja organizado de modo intencional, a partir do nível em que cada criança se encontra. Em obra posterior, a autora mostra que, quando o trabalho é planejado com base no diagnóstico contínuo, todas as crianças podem aprender a ler e a escrever (SOARES, 2020).

Nesse processo, a fluência leitora funciona como ponte entre a decodificação e a compreensão. Quando o reconhecimento das palavras se torna automático, o leitor pode dirigir sua atenção ao sentido do texto (LABERGE; SAMUELS, 1974). Rasinski (2003) identifica três componentes da fluência: precisão, velocidade adequada e prosódia, que corresponde à leitura com entonação e ritmo. Práticas como a leitura repetida e a leitura guiada com apoio do professor contribuem para o seu desenvolvimento (KUHN; STAHL, 2003).

Em Paulistana, Piauí, a avaliação de saída de 2024 indicou que a Escola Municipal Raimunda Teonila de Macedo, no povoado Serra Vermelha, apresentava o menor Índice de Fluência Leitora (IFL) da rede municipal, com valor de 5,9. A escola atende uma comunidade rural em que grande parte das famílias depende da agricultura e de programas de transferência de renda.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma intervenção pedagógica voltada ao desenvolvimento da fluência leitora em uma turma do 2º ano do ensino fundamental da referida escola, realizada em 2025 no período de maio a novembro. O relato se justifica pela importância de sistematizar e divulgar práticas desenvolvidas em escolas públicas do interior do Nordeste que alcançam resultados expressivos.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo, com abordagem qualiquantitativa. O relato de experiência descreve uma vivência profissional de forma crítica e reflexiva, articulando a prática ao referencial teórico (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

ISSN: 2358-8829

A experiência ocorreu entre os meses de maio a novembro de 2025, com 20 estudantes de uma turma do 2º ano, com idade média de 7 e 8 anos, e foi conduzida pelos professores da turma com o apoio da coordenação pedagógica da escola.

O diagnóstico foi feito pela avaliação de entrada de fluência leitora da Plataforma Criança Alfabetizada, vinculada ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada e operacionalizada pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). Essa avaliação classifica os estudantes nos níveis de pré-leitor, leitor iniciante e leitor fluente, e expressa o resultado da escola pelo IFL, em escala de 0 a 10.

Na escala de perfis adotada nas avaliações de fluência realizadas com o CAEd, considera-se leitor fluente o estudante que lê mais de 65 palavras do texto em um minuto, com precisão superior a 90%; o leitor iniciante já lê palavras, mas ainda não alcança esse desempenho no texto; e o pré-leitor ainda não consolidou a leitura (ESPÍRITO SANTO, 2026). Também foram considerados os resultados do Sistema de Avaliação Educacional do Piauí (SAEPI), que informa a proficiência média em Língua Portuguesa e Matemática e a distribuição dos estudantes nos padrões de desempenho.

As ações desenvolvidas foram: agrupamento dos estudantes por nível de leitura; rotina diária de leitura compartilhada e individual; leitura guiada; leitura cronometrada; reforço individualizado no contraturno; monitoramento quinzenal por planilhas de desempenho; e envolvimento das famílias, por meio de encontros periódicos entre escola e família, comunicação por grupo de WhatsApp e acompanhamento das atividades para casa. Foram utilizadas fichas de leitura por nível, parlendas, trava-línguas e pequenos textos narrativos.

Os dados analisados correspondem às planilhas de acompanhamento, às observações registradas durante a intervenção e aos resultados agregados das avaliações de entrada e de saída. Não foram utilizados nomes, imagens ou informações que permitam identificar os estudantes, e a divulgação da experiência foi autorizada pela gestão da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos estudantes nos níveis de fluência leitora na saída de 2024 e na entrada e na saída de 2025. No início de 2025, 40% dos estudantes da turma estavam nos níveis de pré-leitor, distribuídos em três dos quatro níveis dessa categoria, e apenas 15% liam com fluência. Esse percentual de leitores fluentes era inferior ao da turma que havia concluído o 2º ano em 2024 (30,8%), o que mostra que a turma de 2025 não iniciou o ano em condição mais favorável. As observações iniciais confirmaram que muitas crianças

ISSN: 2358-8829

liam sílaba por sílaba, com pausas longas e pouca compreensão, situação em que o esforço de decodificação consome a atenção que deveria ser dirigida ao sentido do texto (LABERGE; SAMUELS, 1974).

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes do 2º ano por nível de fluência leitora, Escola Municipal Raimunda Teonila de Macedo, 2024 e 2025

Avaliação	Estudantes avaliados	Pré-leitores	Leitores iniciantes	Leitores fluentes	IFL
Saída 2024	13	4 (30,8%)	5 (38,5%)	4 (30,8%)	5,9
Entrada 2025	20	8 (40,0%)	9 (45,0%)	3 (15,0%)	7
Saída 2025	20	0 (0,0%)	0 (0,0%)	20 (100,0%)	10,0

Fonte: Brasil (2025), dados da Plataforma Criança Alfabetizada (CAEd/UFJF).

A reorganização da turma por níveis permitiu planejar atividades diferentes para cada grupo dentro da mesma aula. Os estudantes nos níveis iniciais trabalharam com sílabas e palavras, enquanto os leitores iniciantes passaram a ler frases e pequenos textos. A cada registro quinzenal, os grupos eram reorganizados conforme o avanço das crianças, o que garantiu que cada uma recebesse o apoio necessário para avançar ao nível seguinte, na sua zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 2007), e que as decisões fossem orientadas pela avaliação diagnóstica, como propõe Luckesi (2011). Essa organização segue a orientação de priorizar a consciência fonológica e o princípio alfabético com os pré-leitores, e as leituras repetidas e compartilhadas com os leitores iniciantes (ESPÍRITO SANTO, 2026).

A rotina diária de leitura foi um dos pilares da intervenção. Parlendas e trava-línguas foram especialmente úteis, pois as crianças gostavam de repeti-los e, com isso, ganhavam ritmo e entonação, o que confirma o valor da leitura repetida para a fluência (KUHN; STAHL, 2003). A leitura cronometrada permitiu acompanhar o ritmo de cada estudante e mostrar às próprias crianças o seu progresso. Como reduzir a fluência à velocidade leva a um ensino centrado na rapidez, sem atenção à prosódia e ao sentido (RODESKI; CORSO, 2026), esse recurso foi sempre combinado à leitura de parlendas e trava-línguas. O reforço no contraturno possibilitou trabalhar de forma individual as relações entre letras e sons com quem tinha mais dificuldade (MORAIS, 2012).

A participação das famílias foi construída por meio de encontros periódicos com a escola, da comunicação constante pelo grupo de WhatsApp da turma e do acompanhamento das atividades enviadas para casa. Mesmo em uma comunidade em que muitas famílias enfrentam limitações de escolaridade e de tempo, esse acompanhamento fortaleceu a rotina de leitura construída na escola.

ISSN: 2358-8829

Na avaliação de saída de 2025, todos os 20 estudantes participaram e foram classificados como leitores fluentes. O IFL da escola, que havia sido de 5,9 em 2024, alcançou 10,0, valor máximo da escala. A Tabela 2 apresenta os resultados do SAEPI.

Tabela 2 – Proficiência média e distribuição dos estudantes nos padrões de desempenho do SAEPI, avaliação de saída de 2025

Componente	Proficiência média	Variação	Abaixo do básico	Básico	Adequado	Avançado
Língua Portuguesa	716	+143	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	17 (85%)
Matemática	657	+170	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	20 (100%)

Fonte: Piauí (2025), dados do SAEPI.

Embora a intervenção tenha sido voltada para o desenvolvimento da fluência leitora, é possível que o avanço na fluência tenha favorecido a compreensão de enunciados e a autonomia dos estudantes em Matemática, hipótese que precisaria ser investigada em estudos específicos. A diferença entre os 100% de leitores fluentes e os 85% no padrão avançado em Língua Portuguesa também merece atenção: a fluência é condição importante, mas não suficiente, para a compreensão leitora (KUHN; STAHL, 2003), o que indica a necessidade de continuar trabalhando a compreensão nos anos seguintes.

É preciso reconhecer os limites desta análise. A comparação entre o IFL de 2024 e o de 2025 envolve turmas diferentes, e por isso a evolução da própria turma entre a entrada e a saída de 2025, de 15% para 100% de leitores fluentes, é o dado que melhor expressa os efeitos da intervenção. Por se tratar de uma única turma, os resultados não podem ser generalizados, embora ofereçam indícios consistentes sobre práticas que favorecem a alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção relatada levou todos os estudantes de uma turma do 2º ano a alcançarem o nível de leitor fluente, em uma escola que, no ano anterior, apresentava o menor índice de fluência do município. O resultado não decorreu de uma ação isolada, mas de um conjunto articulado de práticas: diagnóstico inicial, agrupamento por níveis, rotina diária de leitura, reforço no contraturno, monitoramento frequente e parceria com as famílias. O elemento comum a todas foi a intencionalidade pedagógica, isto é, planejar o ensino a partir das necessidades reais das crianças e acompanhar de perto o progresso de cada uma.

A experiência indica que a vulnerabilidade social não pode ser um fator determinante para o fracasso escolar quando a escola identifica a necessidade, intervém, acompanha e envolve a família ampliam as possibilidades de aprendizagem e os resultados acontecem.

Sugere-se acompanhar esses estudantes no 3º ano, para verificar se os avanços se mantêm, e ampliar a experiência para outras turmas e escolas da rede municipal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11556.htm. Acesso em: 21 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/base-nacional-comum-curricular-bncc. Acesso em: 21 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plataforma Criança Alfabetizada*: resultados da avaliação de fluência leitora. Brasília, DF: MEC; CAEd/UFJF, 2025. Disponível em: https://criancaalfabetizada.caeddigital.net. Acesso em: 21 out. 2026.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes 2026*: avaliação da fluência em leitura. Vitória: SEDU, 2026. Disponível em: https://sedu.es.gov.br/media/pdf%20e%20Arquivos/fluencia-diretrizes-2026.pdf. Acesso em: 21 out. 2026.

KUHN, M. R.; STAHL, S. A. Fluency: a review of developmental and remedial practices. *Journal of Educational Psychology*, v. 95, n. 1, p. 3-21, 2003. DOI: https://doi.org/10.1037/0022-0663.95.1.3.

LABERGE, D.; SAMUELS, S. J. Toward a theory of automatic information processing in reading. *Cognitive Psychology*, v. 6, n. 2, p. 293-323, 1974.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAIS, A. G. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010.

PIAUÍ. Secretaria de Estado da Educação. *Sistema de Avaliação Educacional do Piauí (SAEPI)*: resultados da avaliação de saída 2025. Teresina: SEDUC-PI; CAEd/UFJF, 2025. Disponível em: https://avaliacaoemonitoramentopiaui.caeddigital.net. Acesso em: 21 out. 2026.

RASINSKI, T. V. *The fluent reader*: oral reading strategies for building word recognition, fluency, and comprehension. New York: Scholastic, 2003.

RODESKI, L. K.; CORSO, H. V. Intervenção em compreensão leitora com foco na leitura fluente de alunos do 5º ano. *SciELO Preprints*, 2026. *Preprint*. DOI: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16464.

SOARES, M. *Alfabetização*: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. *Alfaletrar*: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.